



A CIDADE EM FESTA: FRATERNIDADES FOLCLÓRICAS BOLIVIANAS EM SÃO PAULO

*LA CIUDAD EN FIESTA: FRATERNIDADES FOLKLÓRICAS BOLIVIANAS
EN SÃO PAULO*

*THE CITY IN CELEBRATION: BOLIVIAN FOLKLORIC FRATERNITIES
IN SÃO PAULO*

Vinícius Mendes¹ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O artigo propõe uma virada empírica sobre a presença boliviana em São Paulo, colocando as fraternidades folclóricas, suas danças e personagens, como objeto de pesquisa. Assim, pode-se avançar em relação às investigações que já apontaram a migração boliviana em torno da lógica do trabalho, como o “dispositivo oficina de costura” e o agenciamento de trabalhadores informais na Bolívia. Para atingir este objetivo, o artigo conceitua as fraternidades a partir da descrição dos contextos que elas protagonizam, assim como das relações que são promovidas entre os bolivianos, deles com a cidade e com a própria memória do país que eles deixaram. Assim, é possível encontrar e almejar outras potencialidades de compreensão do fenômeno para além das perspectivas já consagradas na literatura. Em segundo lugar, o artigo demonstra que as fraternidades engendram uma outra territorialidade boliviana em São Paulo – marcada pelo movimento constante de pessoas, mas também de objetos, imagens e capital sobre o mapa da cidade. Utilizando “métodos móveis” de análise, foi possível seguir as fraternidades ao longo de um ano em seus “ciclos de festas”. Ao estar em movimento com elas, descobriu-se toda uma circulação urbana - cujas lógicas vão além das delimitadas pela demanda por trabalho – que se realiza dançando.

Palavras-chave: São Paulo; Migração; Bolivianos; Festa; Mobilidade.

Resumen: Este artículo propone un giro empírico sobre la presencia boliviana en São Paulo, en el cual las fraternidades folclóricas, sus danzas y personajes son el objeto de investigación. Haciéndolo, es posible avanzar

¹ Mestrando do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Mobilidades, Teorias, Temas e Métodos (MTTM) da mesma universidade. E-mail: vinicius.mendes@usp.br

en relación a investigaciones las lógicas del trabajo, como el “dispositivo taller de costura” y a la contratación informal de trabajadores en Bolivia para los talleres de la ciudad brasileña. Para sustentar esta nueva perspectiva, el artículo define a las fraternidades a partir de la descripción de los contextos que ellas protagonizan, así como de las relaciones que son promovidas entre los bolivianos, de ellos con la ciudad y con la memoria del país que se quedó. De ese modo, es posible encontrar y alcanzar posibles comprensiones del fenómeno, más allá de las consagradas en la literatura. Después, el artículo demuestra que estas fraternidades conllevan a otra territorialidad boliviana – cuya singularidad es el movimiento constante de personas, pero también de objetos, imágenes y dinero – por la ciudad. Mediante los “métodos móviles” de análisis, fue posible acompañar a las fraternidades, por el periodo de un año, en sus “ciclos de fiestas”. Al moverse con ellas, se descubre toda una circulación urbana - cuya lógica sobrepasa a la del trabajo - que se concretiza en las danzas.

Palabras clave: São Paulo; Migración; Bolivianos; Fiesta; Mobilidade.

Summary: This article presents two arguments: firstly, it will demonstrate how Bolivian folkloric fraternities have empirical potential to help one get a better understanding of the way Bolivian migrants live in São Paulo, Brazil – not only focusing on them as sewing-workers. To do so, it describes different contexts in which they operate in the city, the relations between actors (and they with the city) makes a comparison between social dynamics of Bolivian fraternities in La Paz, Bolivia, where they originated, and the specific characteristics of those from São Paulo. Secondly, it explores how Bolivian fraternities are responsible for another Bolivian urban circulation around the city – where people, objects, images, capital and ideas move across the city map. The methodology, in dialogue with “mobile methods”, was to follow them to their traditional parties for one year. This way, I was able to observe urban mobility also in their fraternities, with their dances and Bolivian national symbols, not restricting it to commutes between multiple jobs at “sewing dispositives”, or in and out of the country, as some of them will return to Bolivia after a period of time working at these dispositives, to later return to Brazil for another round of work. This movement takes place where Bolivian migrants in Sao Paulo live and also where they have not lived yet.

Keywords: São Paulo; Migration; Bolivian migrants; Mobility

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.180561](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.180561)

Recebido em: 04/01/2020

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

Nas últimas décadas, a literatura sobre bolivianos em São Paulo foi enriquecida principalmente com investigações sobre o aumento desses fluxos migratórios em direção à cidade (SOUCHAUD, 2012; FREITAS, 2014), fenômeno que foi lido como uma consequência tanto dos contextos econômicos distintos no Brasil, na Bolívia e na Argentina – que recebeu migrantes daquele país durante boa parte da segunda metade do século XX (GRIMSON, 1997) – como da estruturação de uma rede transnacional de agenciamento de trabalhadores nas principais cidades bolivianas para oficinas de costura na capital paulista (SILVA, 2008; CÔRTEZ, 2013; FREITAS, 2014).

Assim, se no ano 2000 o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrava a existência de 7.722 bolivianos residentes na capital paulista em um universo de 20.388 vivendo no Brasil (SOUCHAUD, 2012, p. 274), nas vésperas das eleições gerais na Bolívia, em 2019, o Órgão Electoral Plurinacional (OEP), responsável por organizar o sufrágio do país, publicava um relatório afirmando que 45.793 eleitores estavam habilitados a votar em território brasileiro – destes, 32.523 compareceram aos postos de votação² no mês de outubro.

As dinâmicas que tecem a lógica do trabalho permitiram também que certas territorialidades migrantes fossem desenhadas por meio de categorias *imóveis* de análise sociológica, como os locais onde eles moram e trabalham (normalmente o mesmo lugar). Foi assim que alguns estudos conseguiram mapear os pontos com maior concentração de bolivianos em São Paulo, como o de Iara Rolnik (ROLNIK, 2010) na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), dado revisto anos depois por Fabio Pucci (PUCCI, 2017), além do de Gabriela Oliveira (OLIVEIRA, 2016), que coletaram

² Instituto Nacional de Estadística (INE-Bolívia), outubro de 2019. Link: <https://bit.ly/34vAtFC>. Acessado em 10 de dezembro de 2020

números do Censo de 2010 do IBGE para mensurar a chegada de bolivianos a cidades do interior do Estado.

No entanto, um elemento fundamental do fenômeno migratório boliviano em São Paulo, que também chegou para a cidade no início dos anos 2000, ainda não foi totalmente abordado pela literatura: as fraternidades folclóricas³. Por isso, a seguir, pretendo expor brevemente não apenas a discussão sobre o que elas significam – um debate em curso hoje na Bolívia –, como também apresentar os contextos que protagonizam na cidade, as relações que promovem entre os migrantes (e entre eles com a metrópole), as questões que elucidam e as diferenças entre as fraternidades da Bolívia e as de São Paulo. O objetivo, neste primeiro momento, é salientar a importância empírica deste objeto de pesquisa para uma melhor compreensão sociológica do fenômeno. Depois, argumento que as fraternidades folclóricas, com lógicas, fluxos e agências próprias, muitas delas importadas dos seus contextos de origem, dão a tônica de uma outra territorialidade boliviana em São Paulo – só acessível por meio de categorias e métodos *móveis* (BÜSCHER; VELOSO, 2018; FREIRE-MEDEIROS; TELLES; ALLIS, 2018) de compreensão.

Para realizar esta investigação, entrevistei vinte pessoas – de dentro e de fora das fraternidades – em questionários não-estruturados ao longo dos anos 2019 e 2020, na maior parte das vezes em contextos festivos públicos e privados em São Paulo, mas também em conversas gravadas por telefone⁴. No primeiro ano de campo, no entanto, a base metodológica

³ O termo “folclórica” é usado aqui para manter a forma como os atores do estudo o apresentam em seus cotidianos – sem que, contudo, não possa ser questionado: autores como Javier Flores (2017) argumentam que a “folclorização” das festas *cholas* na Bolívia é, na verdade, um dispositivo colonial que funciona para alienar e encapsular o potencial político da festa, apenas em seu contexto particular, festivo, e não como demonstração de um “horizonte de sentido” distinto (FLORES, 2017, p. 74). Por outro lado, Cleverth Cárdenas (2019) defende que tanto o termo “folclore”, como a denominação de “folclorista” para os protagonistas da festa do Gran Poder, em La Paz, não podem ser tomados desta forma, uma vez que eles foram ferramentas dos *cholos paceños* como maneira de inserção na narrativa nacional. O dispositivo apontado por Flores aparece, neste autor, como “folclorismo” – um discurso da elite letrada boliviana sobre as práticas festivas indígenas que ocorrem no ambiente urbano (CÁRDENAS, 2019, p. 55). Neste trabalho, foi privilegiada a leitura de Cárdenas, não apenas por seu marco conceitual como por manter a forma como os atores estudados constroem e apresentam suas próprias identidades.

⁴ As medidas de restrição de circulação impostas pelo governo de São Paulo a partir de março de 2020 fizeram com que as festas bolivianas fossem canceladas ou suspensas entre 2020 e 2021, assim como a Praça Kantuta, tradicional ponto de encontro da “comunidade”, que deixou de acontecer por seis meses durante a pandemia de covid-19. Assim, entrevistas que estavam marcadas para acontecer presencialmente precisaram ser redirecionadas.

do trabalho, seguindo a proposta do paradigma das mobilidades (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020) foi estar fisicamente com as fraternidades dentro dos seus ciclos de festas (SILVA, 2002)⁵, acompanhando *in loco* não apenas os diferentes deslocamentos dos seus protagonistas pela cidade, mas também dos objetos (APPADURAI, 1988), das imagens e do capital que se movimentam inevitavelmente junto com eles – como elementos fundamentais das celebrações.

2. As fraternidades folclóricas bolivianas

As fraternidades são conjuntos formados por centenas de pessoas e ao redor de várias danças do folclore boliviano⁶ que ritualizam e articulam práticas andinas pré-colombianas, devoções católicas com manifestações sociais próprias – desde a presença indígena no cenário urbano até a recepção, adaptação e diálogo dessas práticas com outras instituições (o Estado, sobretudo) e com diferentes estratos sociais. Até por isso, danças e fraternidades foram e seguem sendo instrumentos importantes dentro do jogo de forças político, social e econômico na Bolívia e em contextos migratórios – como em Buenos Aires, na Argentina (GAVAZZO, 2006), em Madrid, na Espanha (HINOJOSA, 2009), em Arlington, nos Estados Unidos

⁵ Silva (1997; 2002; 2005) se vale da expressão “ciclo de festas” para se referir ao conjunto de celebrações devocionais organizadas pelos bolivianos em São Paulo ao longo do ano, sempre ao redor da data da independência da Bolívia, no começo de agosto, quando acontece a principal festa da “comunidade” - que hoje acontece no Memorial da América Latina. O ciclo de festas, segundo o autor, segue o calendário de celebrações marianas do país andino (Virgens de Urkupiña, Copacabana e Socavón, entre outras), que, em São Paulo, se insere dentro de um outro ciclo, mais amplo, de festas religiosas organizadas por outros latino-americanos na cidade (considerando aqui a participação da Pastoral do Migrante em cada uma delas). Silva diz que, nas festas bolivianas, o que chama a atenção “é a quantidade de pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e origens étnicas que elas são capazes de aglutinar. Também é notável a diversidade de tradições, ritmos, sabores e objetos da cultura material veiculados nessas festividades (SILVA, 2005, p. 79).

⁶ O folclore é, de forma sucinta, todo um conjunto de práticas que, envolvidas entre si em um longo processo histórico, marcado pela colonização, mas também pelas resistências a ela, fornecem hoje um estilo de vida para as populações indígenas urbanas – tanto na Bolívia quanto nos contextos migratórios. Nele estão reunidos desde a devoção os rituais às divindades andinas até a devoção católica em seu aspecto popular, desde o desejo e a possibilidade de pertencimento ao discurso nacional (CÁRDENAS, 2019) até os símbolos de indigeneidade – como a língua, as imagens, os deuses, os trajes, as roupas, etc. (FLORES, 2017), enfim, desde as danças como um espetáculo objetificado e ofertado no mercado de trocas capitalistas, como o circuito turístico, até as mesmas danças como sinais inequívocos da presença indígena no contexto urbano. Para os migrantes, o folclore – da forma como é vivido por eles – é ainda a performance definitiva daquela “memória coletiva” (SILVA, 2002) da nação que une todos em torno de uma mesma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008). É parte do que Mabel Moraña (2018) define como propriamente cultura, uma noção que vai da indústria cultural à literatura, da publicidade e do consumo aos esportes, dos movimentos sociais à filosofia, da arte ao folclore (MORAÑA, 2018, p. 98).

(ÁVILA, 2004) e em São Paulo. Elas se apresentam em grandes celebrações devocionais ou cívicas, como a festa do Señor Jesús del Gran Poder, em La Paz, e o Carnaval de Oruro, ambas na Bolívia, mas também encerram relações sociais fora dos contextos festivos, seja em pequenos encontros ou em momentos rituais, como ensaios ou aniversários de fundação e, até por isso, seus protagonistas costumam ter origens regionais, profissionais ou sociais semelhantes. Essas relações chegam ao ponto de forjar interações econômicas próprias, muitas vezes em contraste às teorias clássicas, como mostra Nico Tassi (2010) em seu estudo no bairro do Gran Poder, em La Paz. As origens distintas das danças refletem também as suas potencialidades para além da *performance* em si (FLORES, 2017), o que se vê melhor no caso da *morenada*, cuja existência desempenha papel chave nas reivindicações políticas, sociais e identitárias dos indígenas urbanos no contexto *paceño* há décadas (TASSI, 2010, CÁRDENAS, 2019). No entanto, muitas delas circulam em outros universos, como o estético e, por isso mesmo, mais articulados com a lógica mercantil, como é o caso do *caporal*, dança quase totalmente dominada pela presença de jovens urbanos de classes mais altas.

Hoje, no entanto, a grande maioria das danças apresentadas pelas fraternidades possui também – e principalmente – um forte componente cristão ou de suas origens rituais em torno dos ciclos agrícolas andinos (FLORES, 2017), sem deixarem para trás a função de congregar *fraternos* por meio de divisões profissionais, como é o caso de fraternidades fundadas por açougueiros ou motoristas de ônibus de La Paz, e de proprietários de oficinas de costura em São Paulo.

As danças são divididas em três categorias: as *pesadas* são aquelas cujos desfiles reúnem sempre um grande número de pessoas em trajes volumosos e exclusivos para cada apresentação. A única dança que possui essas características é a *morenada*, em que cada fraternidade possui entre 600 e 1.000 *fraternos*, na Bolívia, e cerca de 500 em São Paulo. Para dançá-la, as mulheres encomendam a grandes oficinas de costura de La

Paz ou Cochabamba *polleras* e *aguayos* ou mantas que podem ser, muitas vezes, utilizadas apenas durante uma única festa. Elas também adornam seus chapéus da marca italiana Borsalino com broches banhados a ouro, mesmo metal precioso que exibem nos dentes (TASSI, 2010), enquanto os homens alugam dos mesmos costureiros especializados fraques, coletes e gravatas que passam dias em trânsito por entre as fronteiras nacionais durante as celebrações mais importantes, indo e voltando entre seus locatários e fornecedores bolivianos. Todo esse movimento se parece com a maneira como Appadurai enxerga a circulação de “bens de luxo” nas sociedades capitalistas modernas⁷, isto é, menos como “necessidade” e mais como “retórica” direcionada ao social (APPADURAI, 1988, p. 38). A segunda categoria é a das danças *livianas*, como *tinkus*, *caporal*, *salay*, *diablada*, entre outras, assim chamadas porque são menores, reunindo, no máximo, 200 *fraternos* no caso de São Paulo e o dobro disso nas festividades bolivianas. Por último, há ainda a categoria de danças *autóctones*, isto é, aquelas cujos membros desfilam também tocando instrumentos musicais, como flautas, *ronrocos*, *charangos*, pandeiros, etc. – é o caso da *saya*, dança de origem africana da região dos Yungas, perto de La Paz, para onde os escravos vindos da África foram levados no período colonial.

As fraternidades complexificam ainda mais esse sistema de categorias de danças ao criarem, executarem e apresentarem seus próprios passos e coreografias, no afã de encerrarem em si mesmas uma certa individualidade da *performance*. Dessa forma, embora seja possível falar de forma abstrata dos movimentos básicos do *caporal* ou do *salay*, por exemplo, cada uma das fraternidades que se dedicam a dançá-los procuram inventar marcações próprias que, aos olhos do público, signifiquem uma particularidade definitiva.

⁷ Arjun Appadurai observa que a circulação de bens de luxo nas sociedades capitalistas modernas tenta dar conta de demandas retórica e social (Appadurai, 1988, p. 38, grifos originais), e não de necessidade de consumo. Eles atuam como símbolos materializados cuja validade só pode ser social. Isso significa dizer, segundo ele, que a necessidade que tais bens precisam satisfazer é de ordem eminentemente política, à medida em que eles são menos uma “classe especial de coisas” e mais um “registro especial de consumo” (idem).

Por fim, há uma terceira e importante divisão interna em cada fraternidade: elas geralmente são constituídas por diferentes *bloques* no caso das *morenadas*, ou de *tropas* e *filas*, no caso dos *caporales*, isto é, grupos menores que possuem trajetórias, celebrações e atores próprios e que só se encontram para formar o *corpus* de suas fraternidades durante as apresentações oficiais – quando esses pequenos conjuntos internos perdem sua heterogeneidade. Outras, porém, têm divisões internas mais frouxas: caso das que dançam *salay* ou *tinkus* – principalmente porque, no caso de São Paulo, não costumam ter uma grande quantidade de *fraternos* para organizar, mas também porque os passos e movimentos das danças que performam são iguais para homens ou mulheres, jovens ou mais velhos, etc., o que não acontece em danças como o *caporal*.

O antropólogo David Guss (2006) rememora a gênese das fraternidades folclóricas em La Paz em um contexto de lutas étnicas e sociais cuja expressão mais concreta era a divisão da cidade em duas partes – uma a leste, onde habitavam famílias euro-bolivianas (*criollos*, profissionais liberais e empresários), e outra a oeste, indígena, onde se assentavam comunidades agrícolas com padrões sociais e econômicos pré-colombianos. Entre elas, o Rio Choqueyapu funcionava como uma separação natural. No início do século 20, as famílias brancas passaram a organizar fraternidades⁸ que, durante o Carnaval, performavam uma tentativa de manter o controle do país, e cujos nomes eram mensagens subliminares (*Terroristas*, *Anarquistas*, *Manos Negras*), ou manifestações explícitas de preconceito (*Durmientes*, em referência à “preguiça” dos índios). Como reação, os indígenas *paceños* também organizaram fraternidades que, se tinham o objetivo inicial de reagir ao discurso euro-boliviano, logo se tornaram meios de reafirmar seu lugar no espaço urbano dividido (GUSS, 2006, p. 303-304). Elas ganhariam outra dimensão

⁸ Tassi sugere que a palavra “fraternidade” tenha sido resgatada das fraternidades espanholas do século XVIII, que promoviam encontros sociais (cultos e atividades de caridade, mas também reuniões esporádicas no tempo livre), mas logo se tornaram importantes células econômicas por causa do alto volume de doações que conseguiam fazer circular. No entanto, muitas vezes o dinheiro ia para “outros gastos que não estavam relacionados ao suposto objetivo religioso, e os fundos iam para fins profanos - festivais, almoços, músicas e outros” (TASSI, 2010, p. 88 e 89)

com a Revolução de 1952, quando muitos indígenas trocaram as áreas rurais pelas grandes cidades da Bolívia e, em paralelo, engrossaram as fileiras das fraternidades de *morenada*, já uma dança comum no Carnaval, mas que se tornava pouco a pouco uma expressão definitiva da devoção à imagem do Señor Jesus del Gran Poder⁹, na ladeira oeste da cidade. Nos anos 1970, o crescimento da celebração religiosa em sua homenagem atingiu seu ápice quando os *fraternos* cruzaram pela primeira vez a antiga divisão colonial, a avenida construída por sobre o rio e dançaram até o centro da cidade (GUSS, 2006; CÁRDENAS, 2019).

A história das fraternidades folclóricas bolivianas é, assim, também a história da reivindicação, por meio do ato de dançar, da ocupação e circulação por lugares diversos – físicos, sociais, étnicos, etc. – protagonizadas por uma população específica, *chola*, perante uma minoria também étnica e social que controlava até pouco tempo todos os espaços da sociedade boliviana (GARCÍA LINERA, 2010). Este parece ser o caso também na metrópole brasileira em estudo.

3. As fraternidades folclóricas bolivianas em São Paulo

Em São Paulo, elas eram poucas até o início dos anos 2000¹⁰, quando o padre e antropólogo Sidney Silva (1997; 2002: 2012) inaugurou os estudos sobre migrantes bolivianos na cidade. Naquele período, as principais festas bolivianas ainda eram organizadas na e pela Pastoral do Migrante, da Paróquia Nossa Senhora da Paz, no Glicério, zona central da cidade, também conhecida como Missão Paz. Além de novenas, batismos, casamentos e *ruthuchas* (eventos em que se corta o cabelo de uma criança pela primeira vez), era ali também que acontecia o principal evento do calendário boliviano na cidade: a celebração que acontece nos primeiros

⁹ Para saber sobre a história da chegada da imagem do Señor Jesus del Gran Poder a La Paz e a posterior devoção a ela na ladeira oeste de La Paz, ver Cárdenas (2019); Flores (2017) e Tassi (2010).

¹⁰ Silva (2006) encontrou cerca de cinco fraternidades em seu trabalho de campo no começo dos anos 2000, sendo a principal delas a Bolívia Central, de *morenada*, que, “fundada em 2002, reúne pelo menos trezentos integrantes, a maior parte deles donos de oficinas de costura” (Silva, 2006, p. 168). À época, o autor as descreveu como conjuntos criados para “animar as festas devocionais” (idem).

finais de semana de agosto e que, apesar de se justificar pela data cívica de independência da Bolívia (6 de agosto), recorre a traços de duas outras grandes festas do país: o Carnaval de Oruro, na cidade de mesmo nome, em fevereiro, e o Gran Poder, em La Paz, entre junho e julho.

A expansão simbólica e material da festa de agosto atesta agora para um novo momento da presença boliviana na cidade: organizada ao longo do primeiro final de semana do mês no Memorial da América Latina, na Barra Funda, zona oeste da cidade, recebe o nome de “Fe y Cultura” e não é mais organizada pela Missão Paz, mas pela Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB)¹¹. Na edição de 2019, a festa paulistana fez circular 40 mil pessoas e quatro mil dançarinos das vinte fraternidades folclóricas que se apresentaram durante o final de semana de desfiles, segundo a entidade. Essa transformação subjetiva e objetiva aconteceu ao longo das duas últimas décadas motivada por vários fenômenos, como a presença crescente de novos migrantes na cidade (engrossando as fileiras das fraternidades, mas também as arquibancadas do evento), a chegada da segunda geração, filha de migrantes bolivianos, à juventude, interessada em recuperar uma memória afetiva (SILVA, 2002) dos seus pais e, enfim, a institucionalização da organização das celebrações por meio de entidades políticas, tais como a ACFBB, que puderam estruturar diálogos mais próximos entre os bolivianos e as autoridades estatais.

Da mesma forma, se eram pequenas e mesmo raras na época em que Silva foi a campo, com apresentações esparsas dentro de um ciclo de festas restrito a comemorações privadas, hoje elas estão presentes em todos os eventos bolivianos em São Paulo, sejam públicos ou privados, grandes ou pequenos, religiosos ou cívicos, formais ou informais – sempre performando alguma das cinco danças mais comuns (*morenada*, *diablada*, *caporal*, *tinkus* e *salay*).

¹¹ Há diversas outras associações de migrantes bolivianos em São Paulo, como a que organiza a feira da Praça Kantuta, aos domingos (Associação Gastronômica, Cultural, Folclórica Boliviana Padre Bento) e duas entidades representativas: a Associação dos Residentes Bolivianos (ADRB) e a Federação dos Residentes e Associações Bolivianas (FRABB).

Ao longo da minha pesquisa de campo, pude observar que, se por um lado elas dividem autonomamente os atores em recortes linguísticos, geracionais, sociais e regionais (herdados do contexto de origem), constituindo fronteiras tensas o suficiente para aproximá-los de uns e distanciá-los de outros na mesma proporção – tanto no cotidiano do trabalho quanto no tempo livre – por outro lado as fraternidades folclóricas são o principal meio pelo qual os bolivianos performatizam uma certa *bolivianidade* (GRIMSON, 1997; SANTOS, 2015) para os habitantes locais, e isso tanto no sentido de uma reivindicação por um lugar na cidade diferente do senso comum, que os observa apenas pela imagem do trabalhador têxtil precário, quanto para ofertar produtos “típicos” na Praça Kantuta, o principal ponto de encontro dos migrantes da Bolívia em São Paulo e cuja feira é voltada, em boa parte, para os “turistas”¹² brasileiros. Também é um meio pelo qual os jovens brasileiros filhos daqueles migrantes chegados no início dos anos 2000 ainda podem estabelecer vínculos mais sólidos com o país dos seus familiares, como ouvi de muitos interlocutores na faixa etária dos 20 anos – e como Santos (2015) também descreveu em seu trabalho sobre as danças bolivianas no contexto paulistano.

As fraternidades folclóricas em São Paulo, no entanto, carregam entre si algumas das divisões originais do cenário boliviano, como os aspectos regionais (a *morenada* é uma dança *paceña*, enquanto o *caporal* é de Cochabamba) ou sociais, que as diferenciam também a partir da posição social dos seus membros. No meu trabalho de campo, notei como a hierarquia das danças e das fraternidades expressa também a hierarquia social dos seus membros (Arteaga, 2017), formando um sistema complexo e

¹² Muitos comerciantes da feira da Praça Kantuta me disseram, durante a pesquisa de campo, que a maior parte dos seus produtos são vendidos para brasileiros que visitam o local aos domingos – e não para os frequentadores bolivianos. Isso se vê mais fortemente em algumas barracas em que a bandeira do Brasil ou outros símbolos nacionais brasileiros são colocados lado a lado com as cores da Bolívia. Na metade de 2019, uma empresa privada resolveu aumentar esse vínculo ao promover uma linha de transporte gratuita ligando alguns pontos turísticos e estações de metrô da cidade à Praça, cujo intuito era aumentar a presença dos “turistas” brasileiros no local.

que se organiza à imagem e semelhança das posições sociais dentro da “comunidade”.

Essa hierarquia se materializa principalmente pelos custos exigidos para ser um *fraterno*, mas também pelos meios de admissão de novos membros. Assim, enquanto fraternidades de *caporal* costumam exigir que postulantes sejam aprovados em espécies de provas físicas, em que eles devem dançar diante de bancas avaliadoras, nas de *morenada* só se entra por meio de um convite vindo de um *fraterno* mais antigo. Nas fraternidades de *salay*, por sua vez, a única exigência para ser aceito é, nas palavras de um interlocutor, “*querer dançar*”. Essas diferenças da ordem do social se justapõem às de ordem econômica: pertencer a uma fraternidade depende também do dispêndio de recursos financeiros para comprar os trajes das festas a cada ano, financiar as suas celebrações e pagar custos envolvidos nos desfiles, como a contratação de bandas e o pagamento da taxa anual cobrada pela ACFBB, quando não da exigência – no caso das *morenadas* – de que seus membros sejam economicamente ativos ao longo de todo o seu ciclo de festas, por meio de doações e patrocínios pontuais das celebrações.

Se um único traje para a dança da *morenada* na Fe y Cultura custa cerca de R\$ 5 mil, as roupas dos *caporales* não sai por menos de R\$ 2 mil, enquanto os vestidos e coletes personalizados que os dançarinos de *salay* usam nas suas apresentações custam cerca de R\$ 550¹³. Da mesma forma, é comum que membros das *morenadas* sejam convidados para ajudar no financiamento das festas internas das fraternidades, servindo como *padrinos*, quando não são escolhidos pelos fundadores para serem eles os patrocinadores principais (*pasantes*¹⁴). Nos *caporales*, ao contrário, tudo

¹³ Valores coletados ao longo do trabalho de campo em 2020.

¹⁴ Os *pasantes* são casais que, de distintas formas, se inserem em um sistema de rodízio temporal que distribui anualmente as responsabilidades e papéis na viabilização econômica das principais festas folclóricas bolivianas. Trata-se sempre um a três casais heterossexuais que, em cada celebração, assumem a função deixada pelos antecessores ou são indicados pelos fundadores da fraternidade de “passar” uma determinada festa adiante ano após ano, metáfora que diz respeito, na verdade, à exigência de financiar a maior parte dos custos envolvidos na sua realização, como a comensalidade, o aluguel do espaço, a distribuição dos presentes, a oferta musical, a lista de convidados e a preparação dos convites, a coordenação das cerimônias dentro das festas e todos os demais elementos que a compõem. Como os custos da função de pasante são muito altos, apenas casais com maior poder econômico conseguem assumi-la – e, embora o número de candidatos a tal papel é maior no contexto das

fica a cargo dos dançarinos, que dividem entre si os custos excedentes – com eventos privados, bandas musicais, taxas da associação¹⁵, etc. – das suas fraternidades. A cada ano, esse valor atinge a casa dos R\$ 5 mil – e não é à toa que existam casos como o de uma interlocutora que experimentou, anos atrás, o dilema entre dançar e fazer um curso universitário, ambos exigindo investimentos anuais semelhantes. No caso dos *salays*, enfim, apesar dos valores também serem compartilhados, eles são menores, como explica o fundador de uma das fraternidades paulistanas que a performam:

“Aqui com a gente paga quem quiser e puder. Se um *fraterno* quiser usar o traje um ano, dois, três, o que é importante para a gente é que ele participe. Como tem muitos costureiros, gente que não tem oficina, que não trabalha no comércio, a gente dá essa liberdade.”

É assim que a Fe y Cultura, e mesmo o carnaval boliviano tal como acontece na cidade, *de fora para dentro da “comunidade”* existem como um *reforço* das posições sociais, e não como *inversões* delas (DAMATTA, 1997), como acontece no contexto carnavalesco brasileiro segundo argumentação do antropólogo Roberto DaMatta. Isso porque, como argumenta Arteaga, essas celebrações marcam o momento em que as posições sociais são reestruturadas (ARTEAGA, 2017), e com isso ele quer dizer que a festa, como um acontecimento em paralelo ao mundo do trabalho, é o lugar onde a mobilidade socioeconômica que os migrantes lograram ao longo do tempo na cidade é performada por meio das danças – elas mesmas símbolos compreensíveis aos bolivianos dessas posições. Tudo se passa, desta forma, não para invertê-las ou suspendê-las no tempo da festa, como uma *liminaridade*, mas justamente para reforçá-las por meio do simbolismo incorporado às danças e às fraternidades, que operam então não apenas como lugares de pertencimento, mas também como narrativas sociais.

festas na Bolívia, como a Gran Poder, em La Paz, em São Paulo a falta de casais nessas condições fazia, até um tempo atrás, com que os *pasantes* fossem repetidos.

¹⁵ Para se filiarem à ACFBB, as fraternidades devem pagar uma taxa de inscrição que varia conforme a categoria das danças – uma tabela que também é utilizada para dividir os custos da organização da Fe y Cultura, em agosto.

A *morenada*, por exemplo, é chamada tanto em La Paz como em São Paulo de dança “*pesada*” também por reunir *fraternos* que estão entre a franja mais rica: são empresários têxteis, comerciantes e/ou proprietários de pontos de venda no Brás (ARTEAGA, 2017) que, por meio dos desfiles, performatizam também seu prestígio e *status* (GUAYGUA, 2003). Abaixo dela estão as danças “*livianas*”, como o *caporal* e o *tinkus*, que exigem menos dinheiro tanto para as celebrações rotineiras quanto para a celebração de agosto, e que também atraem outras posições sociais, notadamente jovens profissionais liberais, como veterinários, advogados, fisioterapeutas, ou mesmo estudantes universitários. Nesse sentido, a dinâmica das fraternidades folclóricas em São Paulo é parecida à que se observa no contexto boliviano (GUAYGUA, 2003; GUSS, 2006; ESPINOZA, 2013; CÁRDENAS, 2019). Enfim, é nos *salays* que se encontram a maioria dos costureiros, migrantes recém-chegados ou vendedores ambulantes da região do Brás e do Pari, isto é, trabalhadores precarizados e sujeitos às hierarquias do dispositivo oficina de costura.

No entanto, há muitas particularidades em São Paulo pelo fato de a cidade ser uma sociedade de destino (SAYAD, 1998; BAENINGER, 2012). Para além da importância identitária, social, política e histórica da festa do Gran Poder para os *cholos* (GUSS, 2006; TASSI, 2010; GUAYGUA; HINOJOSA, 2015; REA CAMPOS, 2016; FLORES, 2017; CÁRDENAS, 2019) em La Paz, como já dito, a Fe y Cultura assume outras demandas, se articula com outros atores estatais e privados, se organiza em outros marcos temporais (e, por isso, agrega elementos de várias festas nacionais bolivianas), possui outras devoções além da imagem do *tata* Gran Poder (o evento paulistano é muito mais voltado para a fé mariana) e tem uma escala significativamente menor, apesar do seu crescimento significativo do começo dos anos 2000 para cá.

Também é diferente o calendário anual das fraternidades paulistanas, preenchido por acontecimentos públicos e privados que ora enfatizam o aspecto migratório em si (como festas pátrias ou religiosas

comemoradas tradicionalmente na Bolívia ou ainda eventos cuja referência é a presença de migrantes em São Paulo) ora o próprio ato de dançar (festivais de música ou culturais). Entre os mais jovens, principalmente, mas também entre os mais velhos, as fraternidades folclóricas na cidade também encerram as relações de amizade, amorosas, profissionais e sociais – aspectos que, longe de serem apenas subjetivos, se tornam materialidades quando alçados pelos agentes como elementos de expressão de suas trajetórias e mobilidades. Isso porque, para além da importância religiosa, geracional e cultural, as fraternidades também são a expressão da estrutura social na qual os bolivianos em São Paulo estão inseridos.

4. Uma outra territorialidade boliviana em São Paulo

Pretendo demonstrar a seguir que, como consequência de algumas dinâmicas próprias, para além das lógicas do “dispositivo oficina de costura”, há uma territorialidade boliviana que só se dá por meio das fraternidades com São Paulo (CAGGIANO; SEGURA, 2014). Ela é marcada, sobretudo, pela *movilidade* de pessoas, mas não só – como se vê no caso da demanda por trabalhadores: circulam também objetos, imagens, ideias e dinheiro por sobre aqueles pontos *imóveis* (o local de moradia ou de trabalho ou a Praça Kantuta como espaço de lazer, etc.). Além disso, com um ciclo de festas intenso no tempo e no espaço da cidade, esse *movimento* contínuo impulsionado pelas fraternidades faz com que, em alguns momentos, a presença boliviana em São Paulo chegue a bairros diferentes daqueles em que eles habitualmente moram, vivem e passam o tempo livre na metrópole, expandindo concretamente a forma como experimentam e ocupam os diferentes espaços urbanos – em uma história que se assemelha de alguma forma à superação das divisões coloniais *paceña*.

Ao longo de 2019, em que segui as fraternidades folclóricas paulistanas em seus ciclos de festas, percebi vários momentos em que essa circulação se realiza na cidade e seu entorno: uma delas, mais esporádica e previsível, acontece ao redor das festas privadas que cada fraternidade (ou uniões de fraternidades) organiza em paralelo à ocasião da Fe y Cultura. Enquanto o evento se desenrola, dezenas de celebrações menores acontecem ao mesmo tempo em diferentes bairros da cidade com a justificativa de celebrar, individualmente, o sucesso do desfile na avenida improvisada do Memorial da América Latina. Naquele ano, essas festas aconteceram – paralelamente – em locais como a Armênia e a Vila Guilherme (zona norte), o Belém e a Penha (zona leste) e o Brás e o Pari (zona central), levando com elas *fraternos*, músicos (muitos deles vindos de outros países, como a Argentina e a própria Bolívia, especificamente para tocar nestas celebrações), convidados, “turistas”, mas também objetos como *trajes* e adereços, instrumentos musicais, automóveis, alimentos e bebidas, estandartes e peças devocionais, além do dinheiro fluiu junto com os outros fluxos para que os sujeitos possam consumi-los, sem esquecer das imagens (fotografias, vídeos, convites, ilustrações e panfletos digitais e físicos) que haviam circulado em diferentes escalas e velocidades e por diferentes meios dias antes – todos eles por causa do ciclo de festas e por meio das fraternidades folclóricas. Esses fluxos são diferentes daqueles regidos pelas escolhas individuais e baseadas na demanda de trabalho (ROLNIK, 2010, p. 157), que atravessam as fronteiras nacionais e, em alguns casos, avançam em direção às periferias (OLIVEIRA, 2016).

Todo esse movimento se vale principalmente dos circuitos urbanos por onde os atores já sabem se mover – porque é onde se fixam na cidade: são nesses mesmos bairros, segundo estudos como os de Rolnik (2010) e mesmo investigações mais recentes, como as de Oliveira (2016) e Pucci (2017), que os bolivianos vivem, trabalham, são atendidos por dispositivos públicos ou passam seu tempo de lazer. É dizer que, seguindo as fraternidades, pude ver que as festas que elas organizam flutuam por entre

as regiões onde há maior concentração de bolivianos. Como o Pari, o Bom Retiro e o Brás (região central), o Belém (zona leste) e a Barra Funda (zona oeste), com presença ainda em locais como Casa Verde, Limão e Vila Maria (zona norte), São Miguel Paulista (zona leste) e no município de Guarulhos¹⁶

Então, o que se vê, ao olhar para o mapa, é que esses pontos *imóveis* já conhecidos pela literatura sobre bolivianos em São Paulo adquirem um novo status, ao serem eles os locais fixos por onde as fraternidades transitam em suas festas com outro caráter, isto é, como *corpos móveis*. Muitas vezes elas desfilam justamente atravessando esses lugares *imóveis*, como oficinas, residências e praças públicas, como se vê no caso das *pré-entradas*, festas preparatórias para a *entrada* do Memorial em que os *fraternos* cruzam bairros inteiros dançando – celebrações essas que, como já dito, dependem não apenas de pessoas, mas dos seus objetos, das suas imagens e de um volume significativo de dinheiro em circulação.

Outra forma de notar esse *movimento* é perceber que os bairros onde há mais bolivianos na cidade nem sempre são os mesmos dos locais das festas. Ainda que poucas, já existem confraternizações privadas e públicas que acontecem em discotecas e bares da região dos Jardins, eventos culturais em cidades da Região Metropolitana, como São Bernardo do Campo e Embu das Artes, festivais de dança em outras cidades do Estado, desfiles que irrompem pela Avenida Paulista, o principal cartão-postal paulistano, e eleições de *reinas*, misses e misters, *ñustas* e *señoras* em teatros de regiões distintas de Guarulhos – todos locais onde há pouca ou nenhuma presença boliviana a partir das categorias *imóveis* (ROLNIK, 2010; OLIVEIRA, 2016; PUCCI, 2017), mas que são alcançados enquanto se dança. Não é à toa que, uma vez organizadas, essas festas são narradas pelos seus protagonistas como “a ocupação de novos espaços da

¹⁶ Pucci e Verás mostram, mensurando a frequência relativa de bolivianos dentre as populações dos bairros de São Paulo, que há maior concentração boliviana na região central de São Paulo, mais especificamente nos bairros do Pari (6,23%), Vila Maria (3,98%), Belém (3,55%), Bom Retiro (3,28%), Brás (2,64%) e Vila Medeiros (2,02%), na zona norte (Pucci, 2017, p. 9).

cidade” ou, no caso da Avenida Paulista, do “orgulho em chegar ao lugar mais importante de São Paulo”.

Essas celebrações, no entanto, respondem também a diferentes padrões sociais próprios da comunidade boliviana em São Paulo: é por isso que elas foram protagonizadas ou por fraternidades de *caporal* e *tinkus*, que reúnem os filhos brasileiros dos migrantes da primeira geração, muitos deles profissionais liberais ou universitários. Ao contrário, o estudo de campo mostra que os *fraternos* de danças como *salay*, por exemplo, tendem a circular menos, geralmente reduzindo suas locomoções à Praça Kantuta, onde ensaiam, e aos eventos que perpassam seu pequeno ciclo de festas.

Fato é que as fraternidades e suas festas podem ser vistas como *redes* que, como define Urry, "produzem conexões complexas e duradouras entre coisas e objetos através do espaço e do tempo" (URRY, 2013, p. 52). Todo esse movimento acontece, porém, dentro de um *regime de mobilidade*, entendendo que há diferentes capacidades de se mover que são, por sua vez, reflexos das estruturas e hierarquias de poder e posição por raça, gênero, idade e classe em cada contexto (HANNAM: SHELLER: URRY, 2006) – no nosso caso, também as desigualdades nas quais grupos migrantes estão inseridos.

1. Conclusão

Este artigo se dividiu em dois argumentos: o primeiro, de caráter mais epistêmico, procurou mostrar como um fenômeno significativamente importante da presença boliviana em São Paulo, as fraternidades folclóricas, cresceu na cidade nos últimos anos, sem contudo entrar nas lentes da literatura¹⁷. Descobertas como essa, por sua vez, permitiram desenhar um mapa *imóvel* dos bolivianos na cidade, utilizando categorias

¹⁷Exceções às dissertações de Mestrado de Eduardo Arteaga Schwartzberg, defendida na Escola de Artes, Ciências e Humanidades em 2017, e de Willians Santos, no departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas em 2015 – ambas foram utilizadas na construção dos argumentos deste artigo.

como local de moradia, de trabalho, espaço do tempo livre ou mesmo atendimento de serviços públicos.

O segundo argumento é que esse mapa ganha movimento quando se analisa a forma como as fraternidades folclóricas fazem circular pessoas, objetos, imagens e dinheiro dentro do ciclo de festas bolivianas por entre as fronteiras dos bairros, mas também dos países, assim como por entre os locais onde os migrantes moram e trabalham, mas também aonde sequer chegaram. Assim, elas permitem observar uma outra territorialidade boliviana em São Paulo, não mais marcada por categorias de *imobilidade*, por abordagens sobre lógicas de trabalho e de produção (têxtil) ou ainda por fluxos apenas de migrantes entre os dois países. Suas dinâmicas internas à “comunidade” à qual fazem parte, suas organizações particulares (de *bloques*, de festas), suas possibilidades de compreender as hierarquias sociais e suas figuras próprias (*pasantes*, *prestes*, *reinas*, *ñustas*, etc) são os motores de um movimento complexo por sobre a metrópole, mas mesmo por sobre as fronteiras continentais – entregando ainda mais relevância para uma presença tão relevante na história recente da cidade.

1. Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ARTEAGA, Ismael Eduardo Schwartzberg. **Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.100.2017.tde-01122017-112615>

ÁVILA, Leonardo de la Torre. **No llores, prenda, pronto volveré. Migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo.** La Paz: Institut Français d'Études Andines, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.ifea.5303>

BAENINGER, Rosana. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: BAENINGER, Rosana. **Imigração boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2012, p. 195-210

BÜSCHER, Monika; VELOSO, Letícia. Métodos móveis. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, 2018, p. 133-155. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142258>

CAGGIANO, Sergio; SEGURA, Ramiro. Migración, fronteras y desplazamientos en la ciudad. Dinámicas de la alteridad urbana en Buenos Aires. **Revista de Estudios Sociales**, v. 48, 2014, p. 29-42. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/res48.2014.03>

CÁRDENAS, Cleverth Carlos. **El cholo danzante. Las formas de interpelación de la nación boliviana en la fiesta del Gran Poder.** Tese (Doutorado em Estudos Culturais Latino-Americanos), Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador, Área de Letras y Estudios Culturales, Quito, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uasb.edu.ec/handle/10644/6829?mode=full>. Acessado em 16 fevereiro 2021

CÔRTEZ, Tiago Rangel. **Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2013.tde-03022014-112419>

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997

ESPINOZA, Fran. Bolivia, élite sectorial chola y élite política: las ambivalencias de su relación. **Anuario de Acción Humanitaria y Derechos**

Humanos, n. 11, 2013. p. 141-160. DOI: <https://doi.org/10.18543/aahdh-11-2013pp141-160>

FLORES, Javier. **Potencial político de lo festivo: aprendiendo de la descolonización**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Facultad de Artes ASAB, 2017.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Maurício Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, 2020, p. 121-142. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.11193>

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; TELLES, Vera; ALLIS, Thiago. Por uma teoria social *on the move*. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, 2018, p. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142654>

FREITAS, Patrícia Tavares. **Projeto costura: percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281265>. Acessado em 25 de fevereiro de 2021

GARCÍA LINERA, Álvaro. **A potência plebeia – Ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia**. São Paulo: Boitempo, 2010

GAVAZZO, Natalia. Las danzas de Oruro en Buenos Aires: Tradición e innovación en el campo cultural boliviano. **Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales**, Universidad Nacional de Jujuy, n. 31, 2006, p. 79-105. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18503105>. Acessado em 25 de fevereiro de 2021

GRIMSON, Alejandro. Relatos de la diferencia y la igualdad. Los bolivianos en Buenos Aires. **Nueva Sociedad**, n. 147, 1997, p. 96-107. Disponível em:

<https://nuso.org/articulo/relatos-de-la-diferencia-y-la-igualdad-los-bolivianos-en-buenos-aires/>. Acessado em 15 de janeiro de 2021

GUAYGUA, Germán. **La fiesta del Gran Poder: el escenario de construcción de identidades urbanas en la ciudad de La Paz, Bolivia**. La Paz: Temas Sociales, n. 24, 2003, p. 171-184. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0040-29152003000100012&lng=en&nrm=iso. Acessado em 10 de janeiro de 2021

GUAYGUA, Germán; HINOJOSA, Alfonso. La transnacionalización de la fiesta en el altiplano paceño. **Revista Boliviana de Ciencias Sociales**, n. 37, 2015, p. 153-172. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1990-7451201500100012&lng=es&nrm=iso. Acessado em 10 de janeiro de 2021

GUSS, David. The Gran Poder and the Reconquest of La Paz. **American Anthropological Association. Journal of Latin American Anthropology**, v. 11, 2006, p. 294-328. DOI: <https://doi.org/10.1525/jlca.2006.11.2.294>

HINOJOSA, Alfonso. **Buscando la vida: familias bolivianas transnacionales en España**. La Paz: CLACSO, 2009

MORAÑA, Mabel. The Cultural Studies Turn. In: POBLETE, Juan. **New approaches to Latin American Studies: culture and power**. Nova York: Routledge, 2012, p. 95-111

OLIVEIRA, Gabriela. Rumo ao interior: bolivianos no Estado de São Paulo. In: **Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas**, São Paulo: Seminário Migrações Internacionais, Refúgios e Políticas, 1. 2016, São Paulo. Nepo-Unicamp. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/migracoesInternacionais.php>. Acessado em 22 janeiro 2021

PUCCI, Fabio Martínez Serrano; VÉRAS, Maura Bicudo. Bolivianos em São Paulo: territórios e alteridade. **Plural** (Revista do Programa de

Pós-Graduação em Sociologia da USP), v. 24. 2017, p. 276-299. DOI: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.143006>

REA CAMPOS, Carmen Rosa. Complementando racionalidades: la nueva pequeña burguesía aymara en Bolivia. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 78, n. 3, 2016, p. 375-407. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/rms/v78n3/0188-2503-rms-78-03-00375.pdf> .

Acessado em 30 janeiro 2021

ROLNIK, Iara. **Projeto migratório e espaço: Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279459>. Acessado em 30 janeiro 2021

SANTOS, Willians de Jesus. **A reinvenção do folclore boliviano em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/320971>. Acessado em 30 janeiro 2021

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**, v. 2, n. 38, 2006, p. 207-226. DOI: <https://doi.org/10.1068/a37268>

SILVA, Sidney Antônio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, n. 57, v. 20, 2006, p. 157-170. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200012>

SILVA, Sidney Antônio da. **Costurando sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo.** São Paulo: Paulinas, 1997

SILVA, Sidney Antônio da. **Festejando a virgem mãe-terra numa pátria estrangeira: devoções marianas num contexto de permanências e mudanças culturais entre os imigrantes bolivianos em São Paulo.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001264080>. Acessado em 20 janeiro 2021

SILVA, Carlos Freire da. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2008.tde-24112009-113627>

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, Rosana (Ed.) **Imigração boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2012, p. 75-92

TASSI, Nico. **Cuando el baile mueve montañas: religión y economía cholo-mestizas en La Paz, Bolivia.** La Paz: Fundación PRAIA, 2010

URRY, John. Sociologia móvel. In: LIMA, Jacob Carlos (Ed.). **Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades.** São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 43-72